

DESENVOLVIMENTO EMPÁTICO NA INFÂNCIA: INTERVENÇÃO EDUCACIONAL CONTRA O PRECONCEITO RACIAL

Myria Juscilânia Maraco Silva; Viviane Alves Santos Bezerra; Camila Marques da Silva; Grazielle Azevedo Abreu; Lilian Kelly de Sousa Galvão (orientadora)

Universidade Federal de Campina Grande; myria_silva@hotmail.com

Resumo

O preconceito racial acontece quando uma pessoa, ou mesmo um grupo, sofre uma atitude negativa por parte de alguém que tem como padrão de referência o próprio grupo racial. Para intervir, de forma preventiva e reflexiva, foi desenvolvido um projeto que objetivou promover o desenvolvimento empático com foco no tema preconceito racial. A empatia pode ser definida como a capacidade de se colocar no lugar do outro e inferir seus sentimentos de forma mais adequada à situação do outro do que a sua própria situação. A pesquisa-intervenção foi executada em dois grupos de cerca de 18 crianças cada, que cursavam o terceiro ano do ensino fundamental I em uma escola pública da cidade de Campina Grande-PB, na faixa etária de oito a dez anos. Os dados foram registrados em um Diário de Campo e analisados por meio da Análise de Conteúdo de L. Bardin. A pesquisa seguiu todos os procedimentos éticos exigidos em pesquisas que envolvem seres humanos. Para promoção da empatia, utilizou-se como recursos: a contação da narrativa “E pele tem cor?”, o vídeo psicodramático, a fantasia dirigida e o teatro de reprise. A partir das intervenções realizadas foi possível conduzir os participantes a se colocar no lugar do outro e a partir dos sentimentos gerados, não realizar mais (ou corroborar com) o preconceito racial, o racismo e a discriminação étnico-racial. Espera-se que a forma de abordar o preconceito racial pelo viés da empatia inspire outros trabalhos de pesquisa e intervenção que considere outras faixas etárias e outros públicos além do corpo discente, com o objetivo de construir uma geração mais consciente, liberta de preconceitos negativos para com o outro e para com a sociedade.

Palavras chave: empatia, preconceito, racismo, discriminação, psicodrama.

Introdução

Empatia é definida por Hoffman (1989, p. 285) como sendo “a capacidade de uma pessoa para colocar-se no lugar do outro (*role-taking*), inferir seus sentimentos e, a partir do conhecimento gerado por esse processo, dar uma resposta afetiva mais adequada para a situação do outro do que para sua própria situação”. De acordo com Galvão (2010), a habilidade empática está relacionada a uma série de benefícios tais como: uma maior aceitação pelos pares, um maior ajustamento social, uma melhor saúde mental e uma maior preocupação com o outro.

Embora a empatia apareça desde a mais tenra idade, o seu desenvolvimento depende primariamente das condições de socialização da criança (GARCIA, 2001). No cotidiano, os pais procuram direcionar o comportamento dos filhos com base nos princípios morais e os

valores de sua subcultura familiar, ensinando comportamentos que garantam independência, autonomia e responsabilidade. Da mesma maneira, também esforçam-se para reduzir os comportamentos considerados socialmente desfavoráveis ou inadequados (HOFFMAN, 1960).

De acordo com Emery (1989), se o ambiente não for favorável ou a criança experimentar negligência ou abusos, podem ocorrer déficits de empatia, configurando uma abertura que facilita a tomada de ideais ou preconceitos negativos, podendo chegar a atitudes de indiferença, discriminação ou até casos mais extremos de comportamentos agressivos e violência para com o outro.

O preconceito é a formulação de ideia ou ideias (que por sua vez alicerçaram atitudes concretas), calçadas em concepções prévias que não foram objeto de uma reflexão devida ou que foram elaboradas a partir de ideias deturpadas. É, em suma, um “pré-conceito”, algo intelectualmente não maturado ou objeto de falsa racionalização, que pode se manifestar de diversas formas: por representações gestuais, pela exteriorização das ideias preconceituosas oralmente expressas ou por escrito (SANTOS, 2010, p. 43).

No mesmo sentido, é extremamente relevante comentar que o preconceito pode dar-se de forma racial, ou seja, quando uma pessoa, ou mesmo um grupo, sofre uma atitude negativa por parte de alguém que tem como padrão de referência o próprio grupo racial (SANTOS, 2001). Ainda, partindo dessas premissas, a discriminação racial não pode ser confundida com preconceito racial e nem com o racismo, pois os dois últimos são atitudes, ou seja, modos de ver certas pessoas ou grupos raciais. Já a discriminação ocorre quando:

[...] uma ação, uma manifestação, um comportamento de forma a prejudicar alguém é que se diz que houve discriminação. Enfim, quando o racista ou o preconceituoso externaliza sua atitude, agora transformada em manifestação, ocorre à discriminação (SANTOS, 2001, p. 110).

Quando as pessoas não deixam de ser preconceituosas podem se tornar racistas. O racismo é “[...] a expressão de um sistema de pensamento fundamentalmente antirracional e constitui um desafio à tradição de humanismo que nossa civilização reclama para si” (SANTOS, 2010, p. 47). Nessa mesma esfera, sem dúvida, o racismo é mais amplo que o preconceito racial e diferente da discriminação racial, pois ocorre quando se atribui a um grupo certos aspectos negativos em razão de suas características físicas ou culturais.

Os estudos sobre preconceito racial são, em sua maioria, traçando linhas históricas e penais dessa realidade no país, tendo ações aplicadas nas escolas apenas em datas isoladas no que se refere à visibilidade negra. Percebe-se a falta de propostas de intervenções que abordem a promoção da educação empática com foco no

combate ao preconceito racial e racismo, principalmente na infância.

A partir do exposto, entendendo o preconceito racial e racismo como problemas existentes e com graves consequências negativas na sociedade, o presente trabalho tem por objetivo apresentar uma intervenção realizada com crianças para combater o preconceito e a exclusão pela raça, por intermédio do desenvolvimento da habilidade empática.

Metodologia

Inicialmente, é relevante esclarecer que as duas propostas de intervenções de combate ao preconceito racial e racismo que serão apresentadas nesse trabalho (Quadro 1) são um recorte do projeto de pesquisa-intervenção, intitulada “Desenvolvimento empático na infância: intervenções educacionais”.

Dia	Intervenções
1	Tema: Empatia e não excluir pela cor Recursos: Desenhos em branco, lápis de cor, livro “e pele tem cor?”, máscaras coloridas. Técnicas: Contação de história, vídeo psicodramático. Objetivo: fazer com que as crianças aprendam que cada pessoa tem sua cor, sua história e merece ser respeitada sem “pré-conceitos”.
2	Tema: Vivência empática sobre preconceito Recurso: Vídeo educativo sobre o que é racismo. Técnicas: Fantasia dirigida, Teatro de reprise. Objetivo: fazer com que as crianças percebam ações (praticadas ou recebidas) que envolvam situações de preconceito ou discriminação, aflorando sentimentos empáticos.

Quadro 1: Intervenções: temas, recursos e técnicas. Fonte: elaboração própria.

As intervenções foram executas em dois grupos de cerca de 18 crianças cada, que cursavam o terceiro ano do ensino fundamental I em uma escola pública da cidade de Campina Grande-PB, na faixa etária de oito a dez anos. Os encontros duraram em média 60 minutos e foi coordenado por três pessoas, sendo uma mediadora e duas auxiliares. Os dados foram registrados em um Diário de Campo e analisados por meio de Análise de Conteúdo de Bardin (1979). A pesquisa-intervenção foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Hospital Universitário Alcides Carneiro (CAAE: 66072816.2.0000.5182).

Resultados e Discussão

Empatia e não excluir pela cor

O primeiro dia da intervenção aconteceu em três etapas. Na primeira, após o acolhimento das crianças, foram distribuídos desenhos de rostos

em branco para que elas pintassem livremente, com o objetivo de identificar quais cores são mais utilizadas na pintura da pele humana. Constatou-se no Grupo 1 (Figura 1) que a maioria das crianças pintou os desenhos com a cor rosa no rosto e amarela nos cabelos; apenas um desenho foi pintado com o rosto na cor marrom e cabelos pretos, apesar de ser um grupo formado majoritariamente por pardos e negros. Já no Grupo 2, também formado por crianças predominantemente pardas e negras, quatro crianças pintaram o desenho com cor marrom, dez crianças pintaram com cor rosa, uma criança pintou com cor alaranjada e uma criança deixou o rosto sem cor. Terminadas as pinturas, os desenhos foram expostos para todos os colegas da classe.



Figura 1: Pintura das crianças Grupo 1. Fonte: Acervo de fotos próprio.

A segunda etapa foi a contação da história “E pele tem cor?”, da autora Fabiana Barbosa, que traz a narrativa de um menino muito esperto e curioso que via o mundo pelas cores. Um dia, numa atividade em sala de aula, um colega pediu “o lápis cor de pele”. Ao pensar em todos os seus colegas da classe, ele fica intrigado e pergunta: e pele tem cor? A história narrada foi recebida com muita atenção por parte das crianças dos dois grupos. Os participantes ao serem questionados sobre o que entenderam da história mencionaram frases do tipo: “que todos são diferentes”, “que todos somos iguais”, “cada um ter uma cor”. Após os relatos, a mediadora motivou os participantes a relacionarem a história ouvida com a suas pinturas dos rostos humanos. De acordo com Mateus *et al* (2014), a contação de história instiga a imaginação, a criatividade, a oralidade, incentiva o gosto pela leitura, contribui na formação da personalidade e no desenvolvimento social e afetivo.

A terceira etapa foi a execução da técnica intitulada Vídeo psicodramático. O

psicodrama é uma técnica psicoterápica, desenvolvida pelo psiquiatra romeno Jacob Levy Moreno, que se propõe a investigar os fenômenos psicológicos por meio da ação e que possibilita o livre desempenho de papéis (MIRANDA, 2013). Na proposta executada, as crianças foram convidadas a interpretar uma cena que abordou o preconceito e a discriminação: após serem distribuídas algumas máscaras de cores diferentes, que representava a diversidade de cores, as crianças com máscaras de cores iguais foram convidadas a brincar de roda e não aceitar na brincadeira cores diferentes da sua. A cena foi filmada e, em seguida, exibida. Por fim, depois de conversarem sobre a cena assistida, foram convocados a recriarem a cena (Figura 2).



Figura 2: Interpretação de cena que abordou o preconceito e a discriminação. Fonte: Acervo de fotos próprio (autorizado pelos participantes à divulgação com preservação da identidade).

Na primeira cena interpretada nos dois Grupos, os participantes com as máscaras diferentes se mostraram desconfortáveis com a discriminação sofrida. No Grupo 2, o narrador no meio da história não quis mais participar alegando que não gostava daquela “brincadeira”, o que revelou um alto grau de desenvolvimento empático com

os personagens que foram discriminados. No momento da discussão da cena assistida, os dois grupos concordaram que não deveria haver exclusão dos colegas só por causa de sua cor diferente. No Grupo 1, alguns alunos, em tom de brincadeira, quiseram repetir a ação discriminatória, mas logo foram repreendidos pelos colegas que disseram que deveriam fazer o certo e aceitar os colegas diferentes. No Grupo 2, algumas crianças se mostraram receptivos e receberam de forma calorosa o colega que estava com a máscara de cor diferenciada, com frases do tipo “Oxe, você pode brincar, parceiro”.

Por fim, ao serem indagadas sobre o que tinham entendido com a dramatização realizada. Foram coletadas respostas semelhantes a essa: “Isso é racismo. Isso é *bullying*. Tem que respeitar as diferenças e deixar os outros brincar”.

Vivência empática sobre preconceito

O segundo dia de intervenção aconteceu em três etapas. Na primeira, as crianças foram convidadas a assistirem um vídeo educativo, feito pelas próprias mediadoras, sobre o que é preconceito, racismo e discriminação, para que as crianças tivessem um esclarecimento inicial sobre o tema e pudessem participar de forma mais consciente das próximas etapas da intervenção.

Na segunda etapa foi utilizada a técnica psicodramática Fantasia dirigida que é, de acordo com Rodrigues (2007), qualquer condução realizada por um diretor, onde os participantes são levados a lembrar de situações que já vivenciaram em algum momento de suas vidas, bem como são induzidos a imaginar lugares e personagens, com o objetivo que cada um crie, em silêncio, na sua imaginação a sugestão do diretor. É comum a instrução da direção para manter os olhos fechados ou baixos, com o objetivo de concentração e introspecção. Dentro dessa perspectiva, as crianças foram conduzidas por meio da referida técnica a lembrarem de alguma situação de racismo, discriminação ou preconceito que aconteceu com elas ou com alguém próximo a elas.

No Grupo 1, algumas crianças se mostraram inquietas e resistentes a falar o que imaginaram, algumas chegaram a dizer que não pensaram em nada e não tinham nada a dizer. Contudo, com o passar do tempo, observou-se que a técnica havia promovido resultados significativos. Uma das participantes se pronunciou, e pediu desculpas a sua colega por tê-la xingado em outro momento. Outra menina compartilhou que era chamada de “burra preta” por outras meninas da sua rua e que não gostava disso. Um menino da turma disse: “isso não devia existir né tia? Eu sou branco e tenho amigos negros e nem

por isso deixam de ser meus amigos”. No Grupo 2, houve muitas falas simultâneas, exigindo que a mediadora estabelecesse certa ordem de pronunciamento. Aqui estão algumas falas que foram compartilhadas: “Eu estava com minhas amigas fazendo passos de balé, aí veio uma menina com uma cor mais escura e não aceitaram ela na brincadeira. Eu percebi que ela estava triste porque os outros riam dela. Daí eu fui e a chamei para brincar”. “Eu tava num mercadinho e vi todo mundo rindo de uma mulher que tinha o cabelo cheio de trancinhas e eu não acho isso legal!”. “Um dia eu fui em uma casa com minha prima e xingaram ela de negra, negra sebosa, negra grudenta”. “Onde eu moro, tenho um amigo que é negro, ele é meu melhor amigo, e tenho outro amigo bem preconceituoso que chama ele de negro seboso”.

Apesar dos relatos dos participantes serem praticamente todos relacionados à questão do negro, nesse trabalho tentou-se levar os/as discentes a pensarem a respeito de que o negro não é a única vítima do racismo no Brasil, mesmo sendo, inegavelmente, a principal.

Na terceira etapa foi utilizada a técnica do psicodrama Teatro de Reprise, que é uma modalidade de intervenção na qual são realizadas teatralizações inspiradas em cenas vividas e relatadas por narradores espontâneos. Além disso, a metodologia do Teatro de Reprise enaltece, pela cena individual, o assunto coletivo (RODRIGUES; COUTINHO; BAREA, 2012). A partir dessa técnica objetivou-se fazer com que algumas das situações compartilhadas fossem encenadas para que o colega interpretasse e sentisse um pouco o que o outro passou naquele momento. Embora tenham sido poucos relatos, o que surgiu entre as crianças foi muito forte. Nos dois grupos elas se mostraram relutantes em dramatizar a cena no papel da pessoa que pratica o racismo, dizendo que aquilo é errado. Com as reações das crianças e a relutância em repetir atos que consideravam preconceituosos e desrespeitosos, pudemos perceber que a intervenção foi satisfatória.

A partir das intervenções realizadas nesse segundo dia foi possível conduzir o grupo a se colocar no lugar do outro e a partir dos sentimentos gerados, não realizar mais ou corroborar com atos de discriminação ou racismo.

Conclusões

Acredita-se que o trabalho realizado mostrou-se eficaz na promoção da empatia tendo em vista o enfrentamento do preconceito racial, do racismo e da discriminação étnico-racial. Espera-se, nesse sentido, que a forma de abordar o preconceito racial pelo viés da empatia inspire outros trabalhos de pesquisa e intervenção que considere outras faixas etárias e outros públicos além do corpo discente, com o objetivo de construir uma geração mais consciente, liberta de preconceitos negativos para com o outro e para com a sociedade. Por outro lado, é importante lembrar

que os construtos correlatos ao preconceito racial são temas transversais que devem ser colocados em pauta continuamente na escola, extrapolando os momentos pontuais de execução de projetos dessa natureza.

Por fim, salienta-se que quando se fala em preconceito racial nas escolas, certamente estar-se falando de práticas que envolvem um universo composto de relações raciais pessoais entre os estudantes, professores, direção e funcionários da escola, também estar-se falando do racismo passado em certos livros didáticos, bem como do racismo institucional, refletido por meio de políticas educacionais que afetam negativamente o negro e outros grupos étnicos raciais. Sugere-se que essas variáveis sejam tratadas em outras pesquisas.

Referências

EMERY, R. E. **Family violence**. Special Issue: children and their development: Knowledge base, research agenda and social police application. *American Psychologist*, 44, 321-328, 1989.

BARBOZA, F. **E pele tem cor?** Ilustração Ayodê França- Recife: Prazer de ler, 2008.

GALVÃO, L. K. S. **Desenvolvimento moral e empatia: medidas, correlatos e intervenções educacionais**. 2010. 299 f. Tese de Doutorado, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

GARCIA, F. A. Investigando diferentes indicadores de empatia em meninos e sua relação com a empatia e ações educativas dos pais. [Dissertação de Mestrado], Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2001.

HOFFMAN, M. L. **Empathy, role-talking, guilt and development of altruistic motives**. In: N. Eisenberg, J., Roykowsky, & E. Staub, E. (Eds), *Social and moral values: individual and societal perspectives* (pp. 139-152). Hillsdale: N. J. Erlbaum, 1989.

HOFFMAN, M. L. **Moral internalization, parental power and the nature of parent-child interaction**. *Developmental Psychology*, 11, 228-239, 1960.

MATEUS, A. do N. B. et al. **A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil**. *Pedagogia em Ação*, v. 5, n. 1, 2014.

MIRANDA, A. B. S. **Uma Compreensão sobre o Psicodrama**. *Psicologado artigos*, 2013. Disponível em <<https://psicologado.com/abordagens/psicodrama/uma-compreensao-sobre-o-psicodrama>>. Acesso em 26 de fevereiro de 2017.

RODRIGUES, R. **Quadros de Referência para Intervenções Grupais: Psicodramáticas**. DPSedes – Departamento de Psicodrama – Instituto Sedes Sapientiae – Setembro, 2007. Disponível em <http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicodrama/Quadros_referencia_Intervencoes_Grupais.pdf>. Acesso em 25 de fevereiro de 2017

RODRIGUES, R.; COUTINHO, E.; BAREA, J. **Psicodramas públicos e teatro de reprise: Alice em busca do país da liberdade e da transformação.** Rev. bras. psicodrama, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 155-171, jun. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932012000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 25 de fevereiro de 2017.

SANTOS, C. J. **Crimes de preconceito e de discriminação.** São Paulo, Saraiva, 2010.

SANTOS, H. **A busca de um caminho para o Brasil: a trilha do círculo vicioso.** São Paulo, editora: Senac, 2001.

Agradecimento

Ao CNPq pelo financiamento do Projeto.